



## CONTRADIÇÃO, LÓGICA DO TERCEIRO INCLUÍDO E NÍVEIS DE REALIDADE

Basarab Nicolescu

Universidade Paris 6 e Universidade Babes-Bolyai, Cluj-Napoca (Romênia)

A palavra “realidade” é uma das palavras mais ambíguas de todas as línguas do mundo. Todos nós acreditamos saber o que é a realidade, mas, se nos interrogarmos, descobriremos que há tantas acepções dessa palavra quanto habitantes sobre a terra. Não é, pois, surpreendente que inumeráveis conflitos agitem incessantemente os indivíduos e os povos: realidade contra realidade.

“O que é a realidade?” – se pergunta Charles Sanders Peirce <sup>1</sup>. Ele nos diz que, talvez, não haja nada que possa corresponder à nossa noção de “realidade”. Talvez seja a nossa tentativa desesperada de conhecer que engendre essa hipótese não justificada. Mas, nos diz ao mesmo tempo Peirce, se há verdadeiramente uma realidade, então ela deve consistir em que o mundo vive, se move e tem nele mesmo uma lógica dos acontecimentos que corresponde à nossa razão.

Faço minha a afirmação feita, em 1948, por Wolfgang Pauli, prêmio Nobel de Física e um dos fundadores da mecânica quântica: “(...) a formulação de uma nova idéia de realidade é a tarefa mais importante e mais árdua de nosso tempo” <sup>2</sup>. Mais de 60 anos depois, essa tarefa ainda não foi cumprida.

Para ilustrar essa busca, trago, como caso exemplar, a obra de Stéphane Lupasco (1900-1988), que iniciou desde 1935, na França, o debate sobre a contradição <sup>3</sup>. Sua filosofia do terceiro incluído é muito importante no caminho rumo a um novo conceito de realidade. Mas ela adquire todo o seu sentido ao entrar em diálogo com a abordagem transdisciplinar, fundada sobre a noção de níveis de realidade.

A contradição entre a identidade e a não-identidade, contradição inerente ao mundo do infinitamente pequeno, ao mundo das partículas, é aceita por Lupasco como um dado inevitável da experiência concernente à identidade suposta das partículas, uma tendência para a heterogeneização em um mundo que parece superficialmente dedicado à homogeneização. O passo decisivo foi dado em 1951, com *Le Principe*

---

<sup>1</sup> Charles Sanders Peirce, *The New Elements of Mathematics*, 4 volumes, C. Eisele (Ed.), Mouton Humanities Press The Hague, 1976.1976, vol. IV, p. 383-384.

<sup>2</sup> Carta de Pauli a Fierz, 12 de agosto de 1948, em K. von Meyenn, *Wolfgang Pauli. Wissenschaftlicher Briefwechsel*, Band 1V, Teil I: 1940-1949, Berlin, Springer, 1993, p. 559.

<sup>3</sup> Stéphane Lupasco, *Du devenir logique et de l'affectivité*. Vol. I – “Le dualisme antagoniste et les exigences historiques de l'esprit”; Vol. II – “Essai d'une nouvelle théorie de la connaissance”, Vrin, Paris, 1935; 2ª ed., 1973 (tese de doutorado).

*d'antagonisme et la logique de l'énergie* <sup>4</sup>, que representa o ensaio de uma formalização axiomática da lógica do antagonismo.

O terceiro incluído não significa de modo algum que se possa afirmar uma coisa e seu contrário, o que, por anulação recíproca, destruiria toda possibilidade de predição e, portanto, toda possibilidade de abordagem científica do mundo.

Trata-se antes de reconhecer que, em um mundo de interconexões irreduzíveis (como o mundo quântico), realizar uma experiência ou interpretar os resultados experimentais reverte inevitavelmente em um recorte do real que afeta o próprio real. A entidade real pode, desse modo, mostrar aspectos contraditórios que são incompreensíveis, absurdos mesmo, do ponto de vista de uma lógica fundada sobre o postulado “*ou isso ou aquilo*”. Esses aspectos contraditórios deixam de ser absurdos em uma lógica fundada sobre o postulado “*e isso e aquilo*”, ou antes, “*nem isso nem aquilo*” <sup>5</sup>.

O desenvolvimento de seu formalismo axiomático conduz Lupasco a postular a existência de um terceiro tipo de dinâmica, antagonica, que coexiste com a da *heterogeneização*, que governa a matéria viva, e com a da *homogeneização*, que governa a matéria física macroscópica. Esse novo mecanismo dinâmico demanda a existência de um estado de equilíbrio rigoroso, exato, entre os polos de uma contradição, em uma semi-atualização e semi-potencialização estritamente iguais. Esse estado, chamado por Lupasco de *estado T* (“T” sendo a inicial do “terceiro incluído”), caracteriza o mundo microfísico, o mundo das partículas.

A manifestação de um fenômeno qualquer é equivalente a uma certa *atualização*, a uma tendência para a identidade, mas esta mesma manifestação implica uma contensão, uma *potencialização* de tudo o que esse fenômeno não é, em outras palavras, da não-identidade. A potencialização não é uma aniquilação, um desaparecimento, mas simplesmente uma espécie de memorização do ainda não manifestado. O conceito de potencialização é uma tradução direta da situação quântica. Na teoria quântica, cada observável físico tem vários valores possíveis, cada valor tendo uma certa probabilidade. Então, uma medida poderia dar lugar a vários resultados. Mas, evidentemente, só um desses resultados será obtido efetivamente, o que não significa que os outros valores do observável em questão sejam despidos de todo caráter de realidade.

Uma consequência imediata da introdução do conceito de potencialização é que a causalidade local (a da atualização) está sempre associada, na abordagem de Lupasco, a uma finalidade antagonica. A causalidade local somente é válida num campo restrito da Realidade. A causalidade global está presente em todas as escalas da Realidade.

A Realidade em sua integralidade não é senão uma perpétua oscilação entre a

---

<sup>4</sup> Stéphane Lupasco, *Le Principe d'antagonisme et la logique de l'énergie – Prolégomènes à une science de la contradiction*, Hermann, Coleção Actualités scientifiques et industrielles, nº 1133, Paris, 1951; 2ª edição: Rocher, Coleção L'esprit et la matière, Mônaco, 1987, prefácio de Basarab Nicolescu.

<sup>5</sup> Basarab Nicolescu, “Le Tiers inclus - De la physique quantique à l'ontologie”, em *Stéphane Lupasco - L'Homme l'oeuvre*, op. cit., pp. 113-144; Basarab Nicolescu, “Levels of Complexity and Levels of Reality”, em *The Emergence of Complexity in Mathematics, Physics, Chemistry, and Biology*, Proceedings of the Plenary Session of the Pontifical Academy of Sciences, 27-31 Outubro 1992, Casina Pio IV, Vatican, Ed. Pontificia Academia Scientiarum, Vatican City, 1996 (distribuído por Princeton University Press), editado por Bernard Pullman; Basarab Nicolescu, “Gödelian Aspects of Nature and Knowledge”, em *Systems - New Paradigms for the Human Sciences*, Walter de Gruyter, Berlin - New York, 1998, editado por Gabriel Altmann and Walter A. Koch; Basarab Nicolescu, “Hylemorphism, Quantum Physics and Levels of Reality”, em *Aristotle and Contemporary Science*, Vol. I, Peter Lang, New York, 2000, pp. 173-184, editado por Demetra Sfondoni-Mentzou, introdução de Hilary Putnam.

atualização e a potencialização. Não há atualização absoluta.

Mas a atualização e a potencialização não bastam para uma definição lógica coerente da Realidade. O movimento, a transição, a passagem do potencial ao atual não é concebível sem um *dinamismo independente* que implica um equilíbrio perfeito, rigoroso, entre a atualização e a potencialização, equilíbrio este que permite precisamente essa transição.

A Realidade possui, portanto, segundo Lupasco, uma *estrutura ternária*.

A lógica axiomática de Lupasco extrai assim três orientações privilegiadas, três dialéticas: uma *dialética de homogeneização*, uma *dialética de heterogeneização* e uma *dialética quântica*. Lupasco utiliza o termo *tridialética* para caracterizar a estrutura de seu pensamento filosófico, termo que exprime a estrutura ternária, tripolar (homogêneo-heterogêneo-estado T) de toda manifestação da Realidade, a *coexistência* desses três aspectos inseparáveis em todo dinamismo acessível ao conhecimento lógico, racional.

A filosofia do terceiro incluído de Lupasco surge, portanto, como uma filosofia da *liberdade* e da *tolerância*. Jean-François Malherbe mostrou, em um estudo muito estimulante, como a interação entre o terceiro incluído e os jogos de linguagem de Wittgenstein poderia ter repercussões importantes na formulação de uma ética contemporânea <sup>6</sup>. Como toda filosofia digna deste nome, para que ela seja operatória, o terceiro incluído deve ser vivido, aplicado na vida cotidiana.

O *terceiro incluído lógico* lupasciano é útil no plano de ampliação da classe dos fenômenos passíveis de serem compreendidos racionalmente. Ele explica os paradoxos da mecânica quântica, em sua totalidade, começando com o princípio de superposição.

Mas foi precisamente o terceiro incluído que desencadeou toda uma série de mal-entendidos intermináveis e uma hostilidade que ia do silêncio embaraçoso à exclusão deliberada de Lupasco do mundo acadêmico e dos dicionários.

A primeira frase do *Principe d'antagonisme et la logique de l'énergie* bastou para afastar da leitura do livro de Lupasco todo filósofo ou todo lógico normalmente constituído: "... o que aconteceria se rejeitássemos o absolutismo do princípio de não-contradição, se introduzíssemos a contradição, uma contradição irreduzível, na estrutura, nas funções e nas próprias operações da lógica?" <sup>7</sup>. Esta frase condensa, ainda hoje, o equívoco maior concernente à obra lupasciana: a lógica de Lupasco violaria o princípio de não-contradição. Mas Lupasco não rejeita o princípio de contradição: ele põe simplesmente em dúvida seu "absolutismo".

Lupasco agrava ainda mais o seu caso, algumas páginas adiante, onde formula seu "postulado fundamental de uma lógica dinâmica do contraditório": "A todo fenômeno, ou elemento, ou evento lógico qualquer e, portanto, ao julgamento que o pensa, à proposição que o exprime, ao signo que o simboliza: *e*, por exemplo, deve sempre estar associado, estrutural e funcionalmente, um anti-fenômeno, ou anti-elemento, ou anti-evento lógico, logo um julgamento, uma proposição, um signo contraditório: *não-e...*" <sup>8</sup>. Lupasco especifica que *e* somente poderá ser potencializado pela atualização de *não-e*, mas não desaparecer. Do mesmo modo, *não-e* somente poderá ser potencializado pela atualização de *e*, mas não desaparecer.

---

<sup>6</sup> Jean-François Malherbe, "*Jeux de langage*" et "*Tiers inclus*" - *De nouveaux outils pour l'éthique appliquée*, GGC Éditions - Université de Sherbrooke, Québec, 2000; *Le nomade polyglotte - L'excellence éthique en postmodernité*, Bellarmin, Québec, 2000, pp. 163-201.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p.3.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p.9.

Pode-se imaginar muito bem a perplexidade de muitos lógicos e filósofos diante de tal postulado: se a palavra “proposição” é bem definida em lógica, qual poderia ser a significação de palavras como “fenômeno”, “elemento” e “evento”, pertencentes antes ao vocabulário da física do que ao da lógica? Sobretudo, como compreender que um *único* e mesmo símbolo “e” possa significar as quatro palavras ao mesmo tempo? Estaria Lupasco cometendo um erro enorme de lógica? Ou estaria fundando uma nova lógica, aberta para a ontologia? A lógica de Lupasco seria, de fato, uma *ontológica*? Não é fácil responder tais questões sem uma leitura atenta do *Príncipe d'antagonisme* e de outros livros de Lupasco.

*Como se pode conceber um terceiro unificador de A e não-A?*

O sentido profundo da unificação não-fusional é impossível de ser compreendido sem que se recorra à noção de “níveis de Realidade”.

Um capítulo extremamente interessante é *La contradiction irréductible et la non-contradiction relative* <sup>9</sup>. Nele, Lupasco introduz a contradição e a não-contradição, elas próprias enquanto termos lógicos. Mas, se esses dois termos forem indexados em função de A e P, o índice T estará ausente. Em outras palavras, *na ontológica lupasciana, não há terceiro incluído da contradição e da não-contradição*. Paradoxalmente, a contradição e a não-contradição submetem-se às normas da lógica clássica: a atualização da contradição implica a potencialização da não-contradição e a atualização da não-contradição implica a potencialização da contradição. Não há estado nem atual nem potencial da contradição e da não-contradição. O terceiro incluído intervém, contudo, de uma maneira capital: o quantum lógico que faz o índice T intervir está associado à atualização da contradição, enquanto que os dois outros quanta lógicos, fazendo intervir os índices A e P, estão associados à potencialização da contradição. Nesse sentido, a contradição é *irreductível*, pois sua atualização está associada à unificação de *e* e *não-e*. Consequentemente, a não-contradição só poderá ser *relativa*. O sentido dessas afirmações será esclarecido após a introdução dos níveis de Realidade e sua incompletude <sup>10</sup>.

O *princípio de antagonismo* dissipa um outro equívoco: Lupasco não rejeita a lógica clássica, ele a engloba. A lógica clássica é, para Lupasco, “... uma *macrológica*, uma lógica utilitária em larga escala, que tem maior ou menor êxito, na prática” <sup>11</sup>.

A lógica do terceiro incluído não é, simplesmente, uma metáfora para um ornamento arbitrário da lógica clássica, permitindo algumas incursões aventureiras e passageiras no campo da complexidade. A lógica do terceiro incluído é uma lógica da complexidade e mesmo, talvez, sua lógica privilegiada, porque ela permite atravessar, de maneira coerente, os diferentes campos do conhecimento.

A lógica do terceiro incluído não anula a lógica do terceiro excluído: ela apenas restringe seu campo de validade.

No centro de todos os desenvolvimentos atuais da mecânica quântica – a criptografia, o teletransporte, os computadores quânticos – encontra-se o princípio de superposição quântica. É precisamente esse princípio de superposição quântica que engendra todos os pretensos paradoxos quânticos e as grandes dificuldades de compreensão dos fenômenos quânticos quando eles são vistos através da grade do realismo clássico.

---

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 14.

<sup>10</sup> Basarab Nicolescu, *La transdisciplinarité*, manifeste, Le Rocher, Coleção “Transdisciplinarité”, Mônaco, 1996.

<sup>11</sup> Stéphane Lupasco, *Le principe d'antagonisme et la logique de l'énergie -Prolégomènes à une science de la contradiction*, op.cit., p.20.

*O princípio de superposição quântica somente pode ser compreendido por meio do terceiro incluído.* No mundo quântico, a combinação entre o estado “sim” e o estado “não” é um estado físico admitido.

O principal impacto cultural da revolução quântica foi, certamente, o questionamento do dogma filosófico contemporâneo da existência de um único nível de Realidade. A revolução quântica desempenhou um papel importante no nascimento de uma nova abordagem, ao mesmo tempo científica, cultural, social e espiritual – a transdisciplinaridade.

O conceito chave da transdisciplinaridade<sup>12</sup> é o de *nível de Realidade*, conceito que introduzi em 1982. Em sua obra *Philosophie - Le manuscrit de 1942*<sup>13</sup>, publicado em alemão em 1984, Werner Heisenberg também introduz a idéia de níveis de realidade, sob uma forma diferente, é certo, mas muito fecunda.

A noção de nível de Realidade oferece uma explicação simples e clara da inclusão do terceiro.

Damos à palavra “realidade” seu sentido ao mesmo tempo pragmático e ontológico.

Entendo por Realidade, primeiramente, o que *resiste* às nossas experiências, representações, descrições, imagens ou formalizações matemáticas. É preciso também dar uma dimensão ontológica à noção de Realidade, pois a Natureza participa do ser do mundo. A Realidade não é somente uma construção social, o consenso de uma coletividade, um acordo intersubjetivo. Ela apresenta também uma dimensão *trans-subjetiva*, pois um simples fato experimental pode arruinar a mais bela teoria científica.

É preciso entender por *nível de Realidade* um conjunto de sistemas invariável à ação de um número de leis gerais: por exemplo, as entidades quânticas submetidas às leis quânticas, as quais estão em ruptura radical com as leis do mundo macrofísico. O que significa dizer que dois níveis de Realidade são *diferentes* quando, passando de um para o outro, há uma ruptura das leis e ruptura dos conceitos fundamentais (como, por exemplo, a causalidade). Ninguém conseguiu encontrar um formalismo matemático que permitisse a passagem rigorosa de um mundo para o outro. As teorias da decoerência tratam da coexistência desses dois mundos, mas elas não descrevem rigorosamente *como* se faz a passagem de um mundo ao outro.

A compreensão do axioma do terceiro incluído - *existe um terceiro termo T que é ao mesmo tempo A e não-A* – clareia completamente quando a noção de “níveis de Realidade” é introduzida.

Para obtermos uma imagem clara do sentido do terceiro incluído, representamos os três termos da nova lógica – A, não-A e T – e seus dinamismos associados por meio de um triângulo no qual um dos vértices se situa em um nível de Realidade e os outros dois vértices em um outro nível de Realidade. Se ficarmos em um único nível de Realidade, toda manifestação aparecerá como uma luta entre dois elementos contraditórios (exemplo: onda A e corpúsculo não-A). O terceiro dinamismo, o do estado T, é exercido em um outro nível de Realidade, onde o que aparece como desunido (onda e corpúsculo) está, de fato, unido (quantum) e o que aparece como contraditório é percebido como não contraditório.

É a projeção de T sobre um único e mesmo nível de Realidade que produz a

---

<sup>12</sup> Basarab Nicolescu, *La transdisciplinarité*, manifeste, Éditions du Rocher, Mônaco, Coleção «Transdisciplinarité», 1996.

<sup>13</sup> Werner Heisenberg, *Philosophie – La manuscrit de 1942*, Seuil, Paris, 1998, tradução do alemão e introdução por Catherine Chevalley.

aparência de pares antagonistas, mutuamente exclusivos (A e não-A). Um único e mesmo nível de Realidade não pode engendrar senão oposições antagônicas. Ele será, devido à sua própria natureza, *autodestruidor*, se for separado completamente de todos os outros níveis de Realidade. Um terceiro termo, digamos T', que está situado no mesmo nível de Realidade que os opostos A e não-A, não pode realizar sua conciliação.

A Realidade comporta, segundo a abordagem transdisciplinar, um certo número de níveis.

Dois níveis adjacentes estão ligados pela lógica do terceiro incluído, no sentido de que o estado T presente em um certo nível está ligado a um par de contraditórios (A, não-A) do nível imediatamente vizinho. O estado T opera a unificação dos contraditórios A e não-A, mas essa unificação é operada em um nível diferente daquele em que estão situados A e não-A. O axioma de não-contradição é respeitado neste processo.

De fato, a ação da lógica do terceiro incluído sobre os diferentes níveis de realidade induz uma estrutura *aberta, gödeliana*, do conjunto dos níveis de Realidade

<sup>14</sup>.

*Por que se limitar ao terceiro incluído? Por que não introduzir o "quarto incluído", o "quinto incluído", etc.? A estrutura de quarto incluído (A, não-A, T, T') decompõe-se em duas estruturas de terceiro incluído: (A, não-A, T) e (A', não-A', T'). Não há, portanto, necessidade de um "quarto incluído", de um "quinto incluído", etc. Nesse sentido, o terceiro incluído é infinitamente terceiro, ou, como denomina Christian Duchemin, o terceiro-sem-nome* <sup>15</sup>.

Esse resultado pode ser associado ao célebre teorema de Peirce, demonstrado com a ajuda da teoria dos grafos: "... toda políade superior a uma tríade pode ser analisada em termos de tríades, mas uma tríade não pode ser geralmente analisada em termos de díades" <sup>16</sup>.

Há, certamente, uma *coerência* entre os diferentes níveis de Realidade, pelo menos no mundo natural. De fato, uma vasta *autoconsistência* parece reger a evolução do universo, do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, do infinitamente breve ao infinitamente longo.

Essa coerência é *orientada*: uma flecha está associada a toda transmissão de informação de um nível ao outro. Consequentemente, a coerência, quando limitada aos únicos níveis de Realidade, é interrompida no nível mais "alto" e no nível mais "baixo". Para que a coerência continue para além desses dois níveis limites, para que haja uma unidade aberta, é preciso considerar que o conjunto dos níveis de Realidade se prolongue para uma *zona de não-resistência*, de transparência absoluta, às nossas

---

<sup>14</sup> Basarab Nicolescu, "Levels of Complexity and Levels of Reality", em *The Emergence of Complexity in Mathematics, Physics, Chemistry, and Biology*, "Proceedings of the Plenary Session of the Pontifical of Nature and Knowledge", em *Systems - New Paradigms for the Human Sciences*, Walter de Gruyter, Berlin - New York, 1998, editado por Gabriel Altmann e Walter A. Koch. Academy of Sciences, 27-31 Outubro 1992, Casina Pio IV, Vatican, Ed. Pontificia Academia Scientiarum, Vatican City, 1996 (distribuído por Princeton University Press), editado por Bernard Pullman; Basarab Nicolescu, "Gödelian Aspects of Nature and Knowledge", em *Systems - New Paradigms for the Human Sciences*, Walter de Gruyter, Berlin - New York, 1998, editado por Gabriel Altmann e Walter A. Koch.

<sup>15</sup> Christian Duchemin, comunicação privada, agosto 2008.

<sup>16</sup> Don D. Roberts, *The Existential Graphs of Charles S. Peirce*, Mouton, Illinois, 1973, p.115; ver também Pierre Thibaud, *La logique de Charles Sanders Peirce - De l'algèbre aux graphes*, Éditions de l'Université de Provence, Aix-en-Provence, 1975.

experiências, representações, descrições, imagens ou formalizações matemáticas.

O nível mais “alto” e o nível mais “baixo” do conjunto dos níveis de Realidade unem-se através de uma zona de transparência absoluta.

A não-resistência dessa zona de transparência absoluta é devida, simplesmente, às limitações de nosso corpo e de nossos órgãos dos sentidos, sejam quais forem os instrumentos de medida que prolonguem esses órgãos dos sentidos.

O conjunto dos níveis de Realidade do Objeto e sua zona complementar de não-resistência constituem o *Objeto* transdisciplinar.

Os diferentes níveis de Realidade do Objeto são acessíveis ao conhecimento humano graças à existência de diferentes *níveis de Realidade do Sujeito*, que se encontram em correspondência biunívoca com os níveis de Realidade do Objeto. A coerência dos níveis de Realidade do Sujeito pressupõe, como no caso dos níveis de Realidade do Objeto, uma zona de *não-resistência*.

O conjunto dos níveis de Realidade do Sujeito e sua zona complementar de não-resistência constituem o *Sujeito* transdisciplinar.

A zona de não-resistência desempenha o papel de *Terceiro Oculto*, que permite a unificação, em sua diferença, do Sujeito transdisciplinar e do Objeto transdisciplinar. Ela permite e demanda a *interação* entre o Sujeito e o Objeto.

Há uma grande diferença entre o Terceiro Oculto e o terceiro incluído: o *Terceiro Oculto é alógico*, pois ele está inteiramente situado na zona de não-resistência, enquanto que o *terceiro incluído é lógico*, pois ele se refere aos contraditórios A e não-A, situados na zona de resistência. Mas há também uma similitude. Os dois unem contraditórios: A e não-A no caso do terceiro incluído, e Sujeito e Objeto no caso do Terceiro Oculto. O Sujeito e o Objeto são os contraditórios supremos: eles atravessam não somente a zona de resistência, mas também a zona de não-resistência. É precisamente aí que se encontra a grande dificuldade de formular uma verdadeira lógica do terceiro incluído, que deve obrigatoriamente integrar o salto descontínuo entre os níveis de Realidade. Essa nova lógica será *trans-categorial*. Se a compatibilidade entre os níveis de realidade e o terceiro incluído não deixa nenhuma dúvida, inversamente, a sua reunião em uma lógica não poderá ser realizada dentro dos tipos de lógicas já conhecidas. Apesar dos esforços feitos <sup>17</sup>, em particular por Joseph Brenner em seu livro *Logic in Reality*, editado pela Springer, em 2008, o problema continua aberto.

O problema Sujeito/Objeto foi central na reflexão filosófica dos pais fundadores da mecânica quântica. Pauli, Heisenberg e Bohr, assim como Husserl, Heidegger, Gadamer e Cassirer, refutaram o axioma fundamental da metafísica moderna: a separação total entre o Sujeito e o Objeto. A divisão binária (Sujeito, Objeto) que define a metafísica moderna é substituída, na abordagem transdisciplinar, pela repartição ternária (Sujeito, Objeto, Terceiro Oculto). O terceiro termo, o Terceiro Oculto, não é redutível nem ao Objeto nem ao Sujeito.

No fundo, Lupasco nos propõe uma questão fundamental: o que entendemos por “sim” e por “não”? Em outras palavras, *qual é o estatuto da verdade?* Não é surpreendente que tenham sido os escritores, como André Breton, os primeiros a se sensibilizarem por essa interrogação que penetra nos recônditos de nosso ser.

Ignoramos se Nathalie Sarraute leu ou não Lupasco. Mas sua peça *Pour un oui ou pour un non* <sup>18</sup> é um magnífico exemplo de lógica da contradição na vida cotidiana.

---

<sup>17</sup> Joseph E. Brenner, *Logic in Reality*, Springer, 2008.

<sup>18</sup> Nathalie Sarraute, *Pour un oui ou pour un non*, NRF, Gallimard, Paris, 1998. A 1ª edição é de 1982.

Não é surpreendente encontrar Boris Vian entre aqueles que admiram Lupasco. *Logique et contradiction* <sup>19</sup> (publicado em 1947) foi um livro de cabeceira para Vian, tendo sido lido atentamente por ele para a redação de seu *Traité de civisme* <sup>20</sup>.

Mas quem inscreveu definitivamente o nome de Lupasco na história da literatura foi, sem dúvida alguma, Eugène Ionesco.

Ionesco e Lupasco eram amigos, se frequentavam e tinham longas discussões filosóficas. Evidentemente, Ionesco leu com atenção a obra de Lupasco e foi, certamente, influenciado por sua filosofia. Em seu livro *Eugène Ionesco - mystique ou mal-croyant?*, Marguerite Jean-Blain sublinha o importante papel de Lupasco no itinerário espiritual de Ionesco <sup>21</sup>, ao lado de Jacob Boehme e de San Juan de la Cruz, e em companhia do *Livro tibetano dos mortos (Bardo-Thödol)* e do ritual cristão ortodoxo. Ionesco leu atentamente não só *Logique et contradiction*, mas também *Le principe d'antagonisme et la logique de l'énergie*, o livro fundamental de Lupasco no que diz respeito ao terceiro incluído - esse terceiro misterioso entre Bem e Mal, entre o Belo e o Feio, entre o Verdadeiro e o Falso.

Naturalmente, o nome e as idéias de Lupasco figuram na peça *Victimes du devoir* <sup>22</sup> criada no Teatro do Quartier Latin, numa encenação de Jacques Mauclair, seis anos após a publicação de *Logique et contradiction*.

Os personagens desse "pseudo-drama" são: Choubert, Madeleine, o Policial, Nicolas d'Eu, a Dama e Mallot, com um "t". A ação se passa em um "cenário pequeno-burguês".

O nome "Nicolas d'Eu" é interessante: "Eu" em romeno [N.T. como em português] quer dizer "Je" [N.T. em francês]. Nicolas d'Eu expõe ao Policial suas idéias sobre o teatro: "Eu refleti muito sobre a possibilidade de uma renovação do teatro. Como poderá surgir o novo no teatro? O que o senhor pensa disso, Inspetor chefe?". O policial pergunta: "Um teatro não aristotélico?". "Exatamente" - responde Ionesco, aliás, Nicolas d'Eu. E continua: "É necessário, entretanto, levar em conta a nova lógica, as revelações fornecidas por uma psicologia nova... uma psicologia dos antagônicos... (...) Inspirando-me em outra lógica e em outra psicologia, eu apresentarei a contradição dentro da não-contradição, a não-contradição dentro do que o senso comum julga contraditório... Nós abandonaremos o princípio de identidade e da unidade dos tipos, em benefício do movimento, de uma psicologia dinâmica... Seria interessante, por sinal, que o senhor lesse *Logique et Contradiction*, o excelente livro de Lupasco...". O Policial reage como se deve: "Quanto a mim, continuo aristotelicamente lógico, fiel a mim mesmo, fiel ao meu dever, respeitando meus chefes... Eu não creio no absurdo, tudo é coerente, tudo se torna compreensível... (...) graças ao esforço do pensamento humano e da ciência" <sup>23</sup>.

A citação do nome de Lupasco no contexto da peça pode parecer uma gentil brincadeira de Ionesco com seu amigo. Mas esta hipótese é falsa.

O diretor de *Victimes du devoir*, Jacques Mauclair, estava certo quando dizia, em 7 de maio de 1988, na Terceira Noite dos Molières: "Sr. Ionesco, Mestre, meu caro

<sup>19</sup> Stéphane Lupasco, *Logique et contradiction*, Presses Universitaires de France, Coleção "Bibliothèque de philosophie contemporaine", Paris, 1947.

<sup>20</sup> Boris Vian, *Traité du civisme*, Christian Bourgois, Paris, 1979 e 1996, Livro de Bolso nº. 14662, apresentação, notas e comentários de Guy Laforêt, p. 100.

<sup>21</sup> Marguerite Jean-Blain, *Eugène Ionesco - mystique ou mal-croyant?*, Lessius, Bruxelles, 2005, p. 63-64.

<sup>22</sup> Eugène Ionesco, *Victimes du devoir*, em *Théâtre I*, Gallimard, Paris, 1984 (a 1ª edição é de 1954), p. 159-213.

<sup>23</sup> *Idem*, p. 203-205.



Eugène, prometestes vir esta noite e viestes. Decididamente, nos surpreendereis sempre. Discípulo de Lupasco, cujo nome rima curiosamente com o vosso, conciliais a lógica e a contradição sem dificuldade aparente. Desse modo, fugis das atividades mundanas, mas não faltais a nenhuma; desprezais as honras, mas recebeis todas" <sup>24</sup>.

Com a maior seriedade, os críticos apreenderam o papel da filosofia lupasciana na gênese e no desenvolvimento do teatro do absurdo.

Quem evidenciou com grande pertinência a influência da obra lupasciana sobre o teatro de Ionesco foi o grande teórico americano da literatura e da arte Wylie Sypher, em seu livro *Loss of the Self* <sup>25</sup>. Wylie Sypher nos diz sem nenhuma ambiguidade: "(...) Ionesco elimina as leis de causa e efeito sobre as quais o teatro e a ciência foram, os dois, construídos. Em seu lugar, Ionesco aceita (...) a lógica de Stéphane Lupasco, cuja obra nos fornece a chave daquilo que Ionesco faz no teatro" <sup>26</sup>.

Wylie Sypher parte da observação de que Ionesco, como Heidegger, foi fascinado pelo abismo do vazio subjacente à nossa existência. Ionesco quer, a todo custo, captar o *insustentável*.

A antiga lógica excluiu os sentimentos. Os sentimentos, escreve Wylie Sypher, são "únicos - nenhum sentimento é exatamente o mesmo que um outro sentimento. Logo, nossos sentimentos são descontínuos e não se submetem a nenhuma sequência lógica. Pior ainda, os sentimentos estão fora do pensamento - eles não podem ser racionalizados. Em suma, a antiga lógica foi um meio de excluir ou de reduzir a experiência - ela não foi um meio de apreender a experiência" <sup>27</sup>.

Segundo Lupasco, observa Wylie Sypher, a tragédia sempre teve a capacidade de captar o absurdo da vida, o que a lógica é incapaz de fazer: a tragédia descreve as contradições de nossa experiência humana. "À sua maneira - escreve Wylie Sypher, Lupasco leva em conta seriamente aquilo que sempre dissemos sobre o caráter trágico da vida; ele o leva em conta o bastante para tentar enriquecer a lógica por meio da compreensão trágica da experiência humana (...)" <sup>28</sup>.

Segundo Wylie Sypher, "Lupasco procura uma lógica existencial, uma lógica repleta de 'contradições criativas' e ele vê o absoluto como um perigo. (...) Lupasco invoca uma lógica do absurdo, uma lógica que tem algo em comum com os *koans* do Budismo Zen. (...) o Zen busca uma percepção direta da realidade, sem nenhuma contaminação intelectual" <sup>29</sup>.

## Conclusões

Uma idéia atravessa como um eixo a presente conferência: *a Realidade é plástica*. Somos parte integrante dessa Realidade, que se modifica graças aos nossos pensamentos, sentimentos, ações. O que significa dizer que somos plenamente responsáveis pelo que é a Realidade. A Realidade não é algo exterior ou interior a nós: ela é simultaneamente exterior e interior.

---

<sup>24</sup> Eugène Ionesco, *Théâtre complet*, Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, Paris, 1990, edição apresentada, organizada e comentada por Emmanuel Jacquot, p. CI-CII.

<sup>25</sup> Wylie Sypher, *Loss of the Self* - em *Modern Literature and Art*, Random House, New York, 1962, capítulo 5 - *Tropisms and Anti-Logic*, p. 87-109.

<sup>26</sup> *Idem*, p.99.

<sup>27</sup> *Idem*, p. 100.

<sup>28</sup> *Ibid.*

<sup>29</sup> *Idem*, p. 104-105.

O mundo se move, vive e se oferece ao nosso conhecimento graças a uma estrutura ordenada daquilo que, no entanto, muda sem cessar. *A Realidade é, então, racional*, mas sua racionalidade é múltipla, estruturada em níveis. É a lógica do terceiro incluído que permite à nossa razão passar de um nível ao outro. Os níveis de Realidade correspondem a níveis de compreensão, numa fusão do saber e do ser.

O Terceiro Oculto, entre o Sujeito e o Objeto, não admite, todavia, qualquer racionalização. *A Realidade também é, então, transrracional*. O terceiro Oculto condiciona a circulação da informação não somente entre o Objeto e o Sujeito, mas também entre os diferentes níveis de Realidade do Sujeito e entre os diferentes níveis de Realidade do Objeto. A descontinuidade entre os diferentes níveis é compensada pela continuidade da informação portada pelo Terceiro Oculto.

*O mundo é ao mesmo tempo cognoscível e incognoscível*. O mistério irredutível do mundo coexiste com as maravilhas descobertas pela razão. O incognoscível penetra cada poro do cognoscível, mas, sem o cognoscível, o incognoscível seria somente uma simples palavra vazia. Fonte da Realidade, o Terceiro Oculto se alimenta dessa mesma Realidade, numa respiração cósmica que nos inclui, nós e o universo.

A Realidade é una e múltipla ao mesmo tempo.

Um porvir sustentável é aquele da descoberta das múltiplas faces da Realidade.

Trabalho apresentado em:

**Ateliers sur la contradiction**

**Nouvelle force de développement en science et société**

École n.s. des mines

Saint-Etienne

19-21 março 2009

<http://www.emse.fr/aslc2009> - acesso em 26.05.2009.